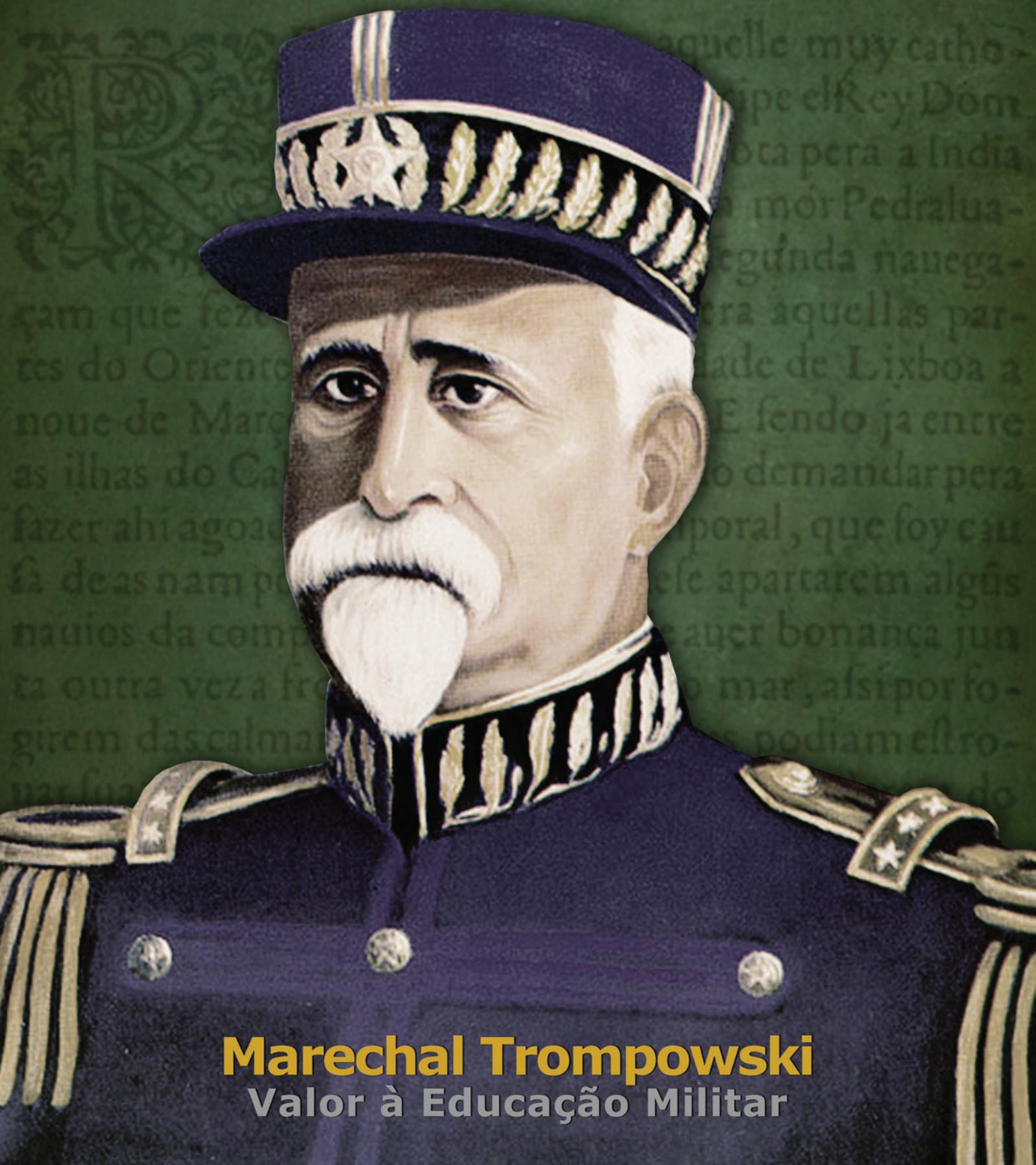


O Tuiuti



2013 / Nº 76



Marechal Trompowski
Valor à Educação Militar



O Tuiuti

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHDRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – AHIMTB/RS e IHTRGS

lecaminha@gmail.com

Projeto Gráfico:

Fabricio Gustavo Dillenburg - Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis

nucleomilitar@gmail.com

Capa:

Montagem sobre pintura do Marechal Roberto Trompowski, autor não identificado.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MILITAR VAE VICTIS

Mais de duas décadas de trabalho voltado para a divulgação da História Militar

O Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem grande orgulho em participar da elaboração do informativo **O Tuiuti**, marco da formação histórica militar brasileira. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis trabalha tendo em vista a clareza de informação, a amplitude das análises, a relevância do material audiovisual, a atualização das hipóteses e a consistência na argumentação.

Nossa Missão: é levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, preservando documentos e fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade.

Nossa Postura: é independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural, visando fornecer informação e compreensão com acessibilidade.

Para saber mais sobre nosso trabalho visite:

www.nucleomilitar.com / www.nucleomilitarblog.com

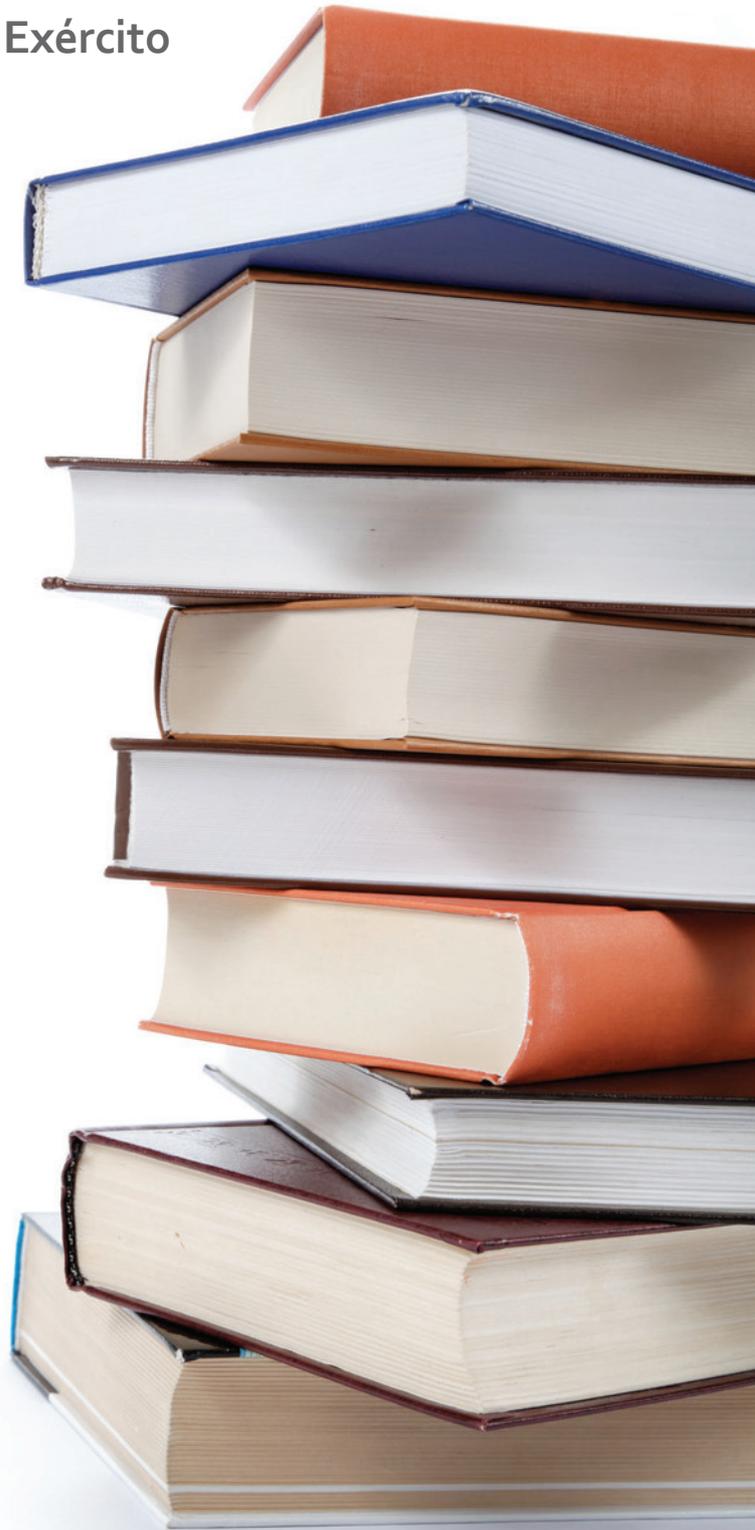
Marechal Roberto Trompowski Leitão de Almeida

Centro de Comunicação Social do Exército
(CComSEx)

A base para uma sociedade pautada em valores essenciais para o desenvolvimento humano e social está em uma educação de qualidade. E as Forças Armadas têm assumido um papel fundamental nessa jornada.

A partir do século XIX, após a chegada de D. João VI, com toda a sua Corte, ao Brasil, o Sistema de Ensino brasileiro avançou sobremaneira, principalmente na área militar, que tem sido sinônimo de excelência desde a Academia Real Militar, fundada em 1810. O ensino militar, mais que instrução de caráter puramente militar, preocupa-se com todos os campos do conhecimento, buscando dar ao futuro oficial ou praça e alunos de colégio militar uma bagagem cognitiva.

E esse é o contexto que marca o Magistério do Exército, cujo dia é um tributo ao nascimento do ilustríssimo Marechal Trompowski, ocorrido em 8 de fevereiro de 1853. Esse histórico personagem, o mais digno representante dessa lide profissional, é um exemplo de educador e de cidadão, desde a mais tenra idade, quando já se



destacava nos estudos, demonstrando sólido preparo intelectual e cultural, além de uma ávida vocação para o magistério.

Roberto Trompowski nasceu na cidade de Desterro, Santa Catarina (atual Florianópolis), e ingressou no Exército em 29 de dezembro de 1869, aos 16 anos de idade, como praça do 1º Batalhão de Artilharia a Pé no Rio de Janeiro, de onde saiu para a Escola Militar, também no Rio de Janeiro. Sua aptidão para o magistério começou a despontar logo após a conclusão de sua formação como oficial.

Sua carreira sempre esteve voltada para a atividade de ensino-aprendizagem. Depois de ser promovido a Primeiro-Tenente, em 1876, habilitou-se em Ciências Físicas e Matemáticas, passando a dominar também essa área do conhecimento. Permaneceu na Escola Militar da Praia Vermelha para exercer a cátedra de Geometria e Cálculo. No posto de Capitão, foi professor-assistente de Geometria Analítica e Cálculo do então aluno Benjamin Constant. Nomeado professor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, tornou-se um dos mais brilhantes docentes desse Estabelecimento de Ensino. No posto de Tenente-Coronel, comandou o Colégio Militar do Rio de Janeiro, demonstrando pendor, também, para a administração escolar.

Sábio professor, reconhecido internacionalmente por seus talentos, ocuparia, já no posto de Coronel, o alto cargo de Comandante da Escola

Militar da Praia Vermelha, função que desempenhou com elevada destreza. Após o que, afastou-se temporariamente das lides educacionais, recebendo, como incumbência, a Aditância Militar junto à Grã-Bretanha, Suíça e Itália. Pouco depois, ainda no exterior, recebeu a missão de delegado técnico, assessorando o insigne Rui Barbosa, em Haia, na Conferência Internacional da Paz. Trompowski ascendeu ao generalato e desempenhou a função de Comandante da 3ª Brigada de Artilharia (Cruz Alta, RS) e da 2ª Brigada de Cavalaria (Alegrete, RS).



Marechal Roberto Trompowski

Em 8 de fevereiro de 1919, aos 66 anos, foi reformado compulsoriamente no posto máximo da hierarquia militar - Marechal - após 50 anos de destacados

serviços prestados à Nação e com a certeza do dever cumprido.

O Marechal Trompowski foi reconhecido como um dos maiores matemáticos de sua época. Exímio exemplo de dedicação e empenho, principalmente no que concerne à docência, à pesquisa e à modernização dos estabelecimentos de ensino militares. Veio a falecer em 2 de agosto de 1926, aos 73 anos de idade, deixando suas obras dispersas em diversos países, tanto aqui na América, quanto na Europa.

Além de Patrono do Magistério do Exército, título atribuído pelo Decreto nº 51.249, de 13 de março de 1962, Trompowski foi, ainda, Patrono da Associação de Professores Militares do País. Em reconhecimento por seu destaque na vida profissional e pessoal, dentro e fora do País, seu nome designa diversas ruas e estabelecimentos de ensino pelo Brasil. Em sua homenagem, o Exército Brasileiro criou a medalha Marechal Trompowski, destinada a cidadãos ou instituições que mereçam destaque por relevantes contribuições ao ensino militar.

Aos integrantes do Magistério do Exército, os cumprimentos pelo Patrono. Que o exemplo de seu patrono sirva de inspiração para o exercício de tão devotada e importante missão!

•

Próximo evento da AHIMTB/RS:

**segunda quinzena de
setembro, no Salão
Brasil do CMPA, com a
presença do Presidente
da FAHIMTB.**

**Data, horário e
demais informações
oportunamente.**



As Tropas Espanholas na Conquista da América



Colaboração do
Dr. Frederico Euclides Aranha

Traduzido e adaptado
pelo Editor,
Cel Luiz Ernani
Caminha Giorgis

(fonte: <http://www.gehm.es>)

A história conta sobre muitas batalhas e conquistas, mas talvez nenhuma se compare com as dos legendários conquistadores espanhóis. Se conhece como conquistadores aos guerreiros exploradores que invadiram os diversos 'países' da América do Sul e

do Norte depois da chegada de Cristóvão Colombo em 1492. Muitas fontes afirmam que os espanhóis conquistaram as terras dos astecas e dos incas devido ao seu armamento superior. É certo que levavam armas avançadas para a época, enquanto a povoação ameríndia se defendia com simples arcos e espadas. Foi por essa razão que a força de uns poucos venceu a milhares e milhares de nativos. Há que se recordar que, na maioria dos casos, os conquistadores não eram soldados do exército nacional, e sim mercenários que se apresentavam às expedições para construir suas fortunas com os butins das guerras. A estes grupos se uniam também jovens sem experiência militar, o clero católico e, inclusive, nativos americanos,

homens e mulheres que, amiúde, tinham mais informações que as tropas. Eles (as) serviam como intérpretes, informantes, médicos, etc. A cavalaria era representada pelos soldados que lutavam a cavalo e encabeçavam as batalhas. Às vezes, o objetivo dos soldados comuns era ganhar o suficiente para comprar um cavalo e ser parte da cavalaria. Estes ginetes, conhecidos na época por sua força e brutalidade, usavam principalmente lanças e espadas. Enquanto a cavalaria estava formada pelos combatentes de elite, a infantaria lutava com armas que podiam disparar balas e flechas. Os nativos temiam estas armas, já que nunca haviam visto nada parecido, e chegaram a ser muito supersticiosos acerca das armas que, aparentemente, podiam disparar trovões. Mas todas estas armas necessitavam ser carregadas de vez em quando, o que as fazia pouco práticas em momentos críticos, e muitos soldados viam-se obrigados a levar espadas curtas, altamente eficazes.

As armas dos conquistadores:

as espadas curtas já mencionadas e o arcabuz, um fuzil grande, de distintas classes (tipos). Este, não era muito eficaz, mas fácil de manejar, apesar de seu comprimento; o disparo era de curto alcance (uns 50 m) mas letal, já que nessa distância podia perfurar uma armadura. A balestra (besta) se usava com bastante moderação; alguns soldados preferiam as alabardas¹ e normalmente eram usadas

para defender os soldados com balestras enquanto se carregavam as flechas; finalmente, como arma de assédio (ou cerco), os conquistadores sabiam utilizar os falconetes², nas unidades de artilharia menores. Eram uns canhões pequenos e pesados que necessitavam 1/2 kg de pólvora para disparar um projétil, mas que alcançavam uma distância de quase 2 km, e seu efeito era devastador.



Armaduras dos conquistadores:

as armaduras completas não eram frequentes entre os conquistadores, por várias razões: a obtenção de uma armadura de metal, especialmente nas primeiras etapas da conquista, se limitavam às trazidas da Europa. A maioria dos soldados não podiam permitir-se

ao “luxo” de uma armadura completa, sobretudo na infantaria. A vantagem de não possuir uma armadura era a liberdade de movimento, tanto pelo peso (uns 28 Kg) como pelo clima quente e úmido do Novo Mundo. A energia consumida durante um combate era muito maior. Os soldados a pé se contentavam com uma cota de malha sem mangas, ou jalecos acolchados de algodão, que resultaram muito bons contra armas de curto alcance, e eram leves.

Os capacetes - o aço espanhol era dos melhores, mas como as armaduras, os capacetes também podiam chegar a ser um luxo, em função de sua qualidade e preço. Os capacetes comuns eram simples, mas ainda tecnologicamente superiores aos que portavam os nativos (sic). Tradicionalmente, os cavaleiros utilizavam os capacetes fechados, mas a ausência de inimigos montados fez com que os capacetes abertos fossem mais aceitos.

Os escudos - os mais habituais eram circulares e ligeiramente convexos para desviar golpes; mediam aproximadamente 70 cm de diâmetro e eram feitos tanto de metal como de madeira com couro pesado de bovino. Do centro sobressaía uma ponta de metal que oferecia uma capacidade básica de ataque.

Estratégia - um fator foi a capacidade dos conquistadores para manipular a

situação política dos povos indígenas. Para vencer a civilização asteca, apoiaram os nativos subjugados pelas tribos vizinhas mais poderosas. Estas táticas foram utilizadas desde a antiguidade. Os animais foram outro fator importante para o triunfo espanhol; a introdução do cavalo e de outros animais domesticados lhes permitiu maior mobilidade, sem dúvida, nas montanhas e selvas, pois os espanhóis eram menos capazes de usar os estreitos caminhos e pontes. Os conquistadores eram experientes na criação de cachorros de caça e proteção e pastores, que resultaram muito eficazes como arma psicológica contra os nativos, que nunca haviam visto cachorros domesticados.

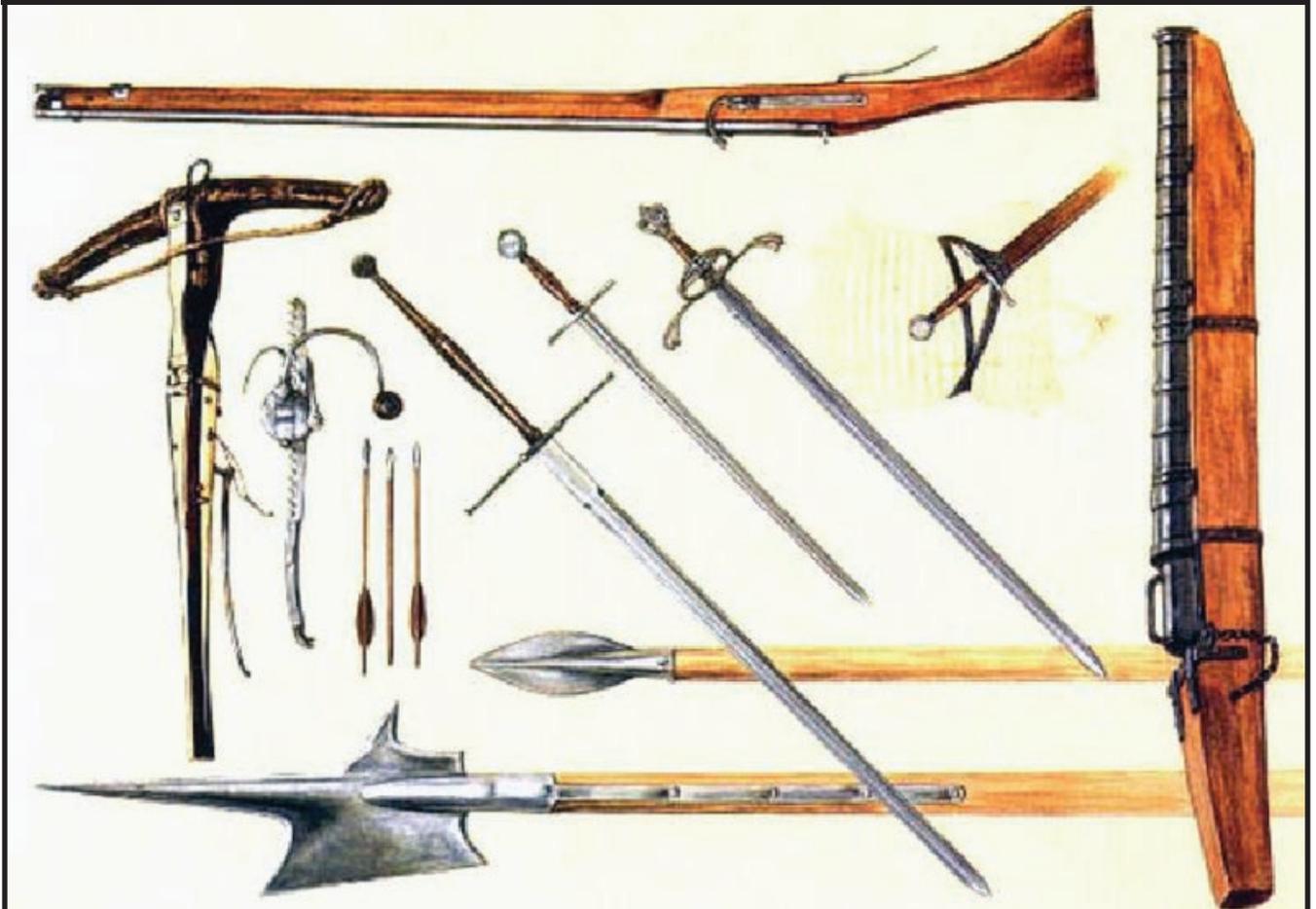
Notas:

1 Arma composta de uma haste rematada por um ferro pontiagudo, tendo de outro lado uma lâmina cortante (Dicionário on line).

2 O Falcão é conhecido como «Oitavo de colubrina», sendo o Falconete uma versão ainda menor desta arma. Trata-se da mais leve das peças de artilharia utilizada a bordo dos navios dos séculos XV e XVI, e a maioria dos navios portugueses que se lançaram ao mar na gesta das descobertas no século XV tinham este como o seu armamento mais poderoso. É uma arma essencialmente anti-pessoal, de pequeno calibre e cano proporcionalmente longo. Era a arma mais importante a bordo das primeiras caravelas e caravelões das descobertas e servia apenas para defender os navios em caso de ataque por parte de nativos. As caravelas das descobertas eram navios de exploração e pesquisa e não navios de guerra adequados para combate com outros navios, pelo que este armamento era normalmente considerado suficiente (<http://www.areamilitar.net>).



Equipamento militar espanhol





AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

